Francisco Iglésias

Simon Schwartzman

O Tempo, Belo Horizonte, em março de 1997

Um dia, devia ser no final dos anos 50, resolvemos encostar o Iglésias na parede. Ele seguramente não se lembra, mas tínhamos 20 anos, se tanto, estávamos descobrindo as ciências sociais, a militância política, e tínhamos certeza de que o Brasil estava às vésperas de uma grande transformação que viria pelas nossas mãos. O Iglésias - ora, o Iglésias sabia de tudo, havia lido todos os livros, era amigo dos escritores e poetas, tinha assistindo o fim da segunda guerra, quem sabe participado da luta contra a ditadura getulista, das tentativas de encontrar caminhos das gerações antes da nossa - porque não se juntava a nós? Por que não nos contava como tinha sido este caminho, que fazia dele, naqueles dias, o historiador inteligente, culto, irônico, que todos admirávamos, mas que parecia ficar em seu canto, ter segredos que não queria contar? Não lembro das palavras da resposta, mas lembro do tom. Já não acreditava tanto, não tinha mais o nosso entusiasmo, agora era nossa vez.

Levei um tempo para entender que não poderia ter sido de outra forma, cada geração tem que reinventar o mundo, achar seus próprios caminhos, não teríamos ouvido os conselhos de Iglésias se ele os quisesse dar. Uma das forças, mas uma das fraquezas também da geração de sociólogos e economistas formados pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG a partir dos anos 60, era a sensação de que não havia nada antes de nós, que tudo tinha que ser reinventado e recriado. Éramos arrogantes e iconoclastas, mas o episódio da conversa com Iglésias mostra como éramos também carentes, não tanto de ideias e conceitos, que, achávamos, era só uma questão de ler e

estudar (nos livros franceses que chegavam na livraria Duas Cidades ou em inglês que nos trazia, deus sabe de onde, Júlio Barbosa), mas de modelos de viver, pensar e estar no mundo, que Iglésias, quem sabe, poderia nos ajudar a encontrar.

Apesar da recusa, acho que Iglésias acabou deixando coisas preciosas para as gerações que passaram pelas suas aulas e puderam desfrutar de seu convívio. Primeiro, o valor da literatura. A geração de Iglésias se formou à luz da revolução modernista, que, Mário de Andrade à frente, criou uma nova maneira de olhar e expressar a realidade, renovando a linguagem pela busca de suas raízes no quotidiano, e buscando vínculos intelectuais e culturais com revoluções semelhantes que varriam a Europa. Nos anos 30 e 40, a literatura foi a forma privilegiada de redescobrir o Brasil e abrir caminho para os novos padrões de comportamento que romperiam com a hipocrisia dominante. Há ainda quem pense que isto seja assim.

Depois, o valor da história, que, nas suas melhores vertentes, preserva o uso cuidadoso e inteligente da língua como instrumento fundamental. Não tanto os fatos históricos em si, mas a importância e a necessidade de olhar os fatos atuais com a perspectiva do passado, e as coisas daqui com a perspectiva das coisas de outros tempos e lugares. Talvez seja um exagero fazer de Iglésias o único responsável, mas a verdade é que, por mais que vários de seus alunos tenhamos nos dedicado ao estudo de teorias abstratas e do uso dos métodos quantitativos para entender a realidade econômica e social, continuamos, de uma forma ou de outra, tentando fazer história, buscando os vínculos do presente com o passado, e olhando nossas coisas com a perspectiva do outro, da comparação.

E finalmente, aí em nível muito mais pessoal, o valor da autenticidade. Francisco Iglésias não somente se manteve sempre fiel a si mesmo, mas desenvolveu um espírito agudo, muitas vezes implacável, de identificar e denunciar a falsidade, o farisaísmo e a impostação. Talvez não haja, em Minas Gerais, melhor "caseur", melhor conhecedor e contador de histórias do que ele, histórias sempre saborosas, que acabam sempre por revelar o lado falso, e por isto mesmo risível, de seus personagens. É claro que todos podemos ser, em algum momento, personagens destas histórias, mas é um privilégio especial poder estar, algumas vezes, entre os que as escutam.

(Simon Schwartzman, atual Presidente do IBGE, foi aluno de Francisco Iglésias no curso de sociologia e política da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG de 1958 a 1961).